



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

AGRADECENDO O BANQUETE EM SUA HONRA,
NO PALÁCIO DA AJUDA, OFERECIDO PELO PRE-
SIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA.

Agradeço a Vossa Excelência, Senhor Presidente, as suas palavras, que conservarei vivas e inesquecíveis na lembrança. Agradeço comovido as manifestações que tenho recebido, calorosas e espontâneas, a todos os portugueses, dos mais representativos, política e intelectualmente, aos mais humildes e anônimos. Não me iludo, porém, com o destino dessas manifestações, dessas flôres, dessas palavras. Sei que, pela fôrça da posição que ocupo, minha pessoa encarna o Brasil, e que é ao Brasil que devo transmitir as provas da emoção portuguesa, a generosidade, a atenção de que sou alvo. Portugal se volta, quando se enaltece a figura singular e a ação civilizadora do Infante de Sagres, para o seu filho de Além-Atlântico, fruto do seu poder de gerar nações. Consagrando, na figura de Dom Henrique, o Navegador, o espírito dos descobrimentos volta-se Portugal, Senhor Presidente, para o país que Pedro Álvares Cabral e seus companheiros navegadores desvendaram, e que, adulto e independente manteve, em o Novo Mundo, o território coberto pela designação de América Portuguesa. Vossa Excelência sabe, e sabe tôda esta altiva nação, que conservamos a mesma fidelidade ao Deus que veio guiando e protegendo as caravelas pelo mar-oceano, entre perigos sem conta; a mesma fidelidade aos princípios que nos legaram os nossos avós lusitanos; a mesma fidelidade, em sua essência, ao idioma em que cantou Camões e em que escreveu Machado de Assis.

839

É, pois, a fidelidade do Brasil à sua origem que recebe, na minha pessoa — humilde apesar de a Providência ter-me elevado ao pôsto em que me encontro — as demonstrações que as autoridades e o leal povo português me tributar.

840

841 Aqui vim, Senhor Presidente, aos festejos do quinto centenário do Infante D. Henrique, trazer a solidariedade da terra brasileira. Não me teria sido possível faltar a êste encontro em que se exalta a figura de um homem a quem se deve, na sua parte mais substancial, a grandeza de Portugal dos descobrimentos. Comemoramos os varões assinalados e os seus extraordinários feitos, mas não nos afastamos do tempo presente, mais cheio de ameaças do que os mares antigos que os nautas souberam e puderam defender. Bem creio que servem para animar os homens e torná-los mais cômnicos dos problemas atuais, e mais lúcidos na antevisão dos dias que vêm, êsses mergulhos no passado, essa verdadeira ressurreição dos dias vividos, mas imortais, êsse recordar as horas fulgurantes que deram caráter e configuraram as nacionalidades.

842 Vossa Excelência acaba de referir, Senhor Presidente Américo Thomás, em suas generosas palavras de saudação, aos esforços de meu govêrno para desenvolver e acelerar o passo do Brasil no sentido de alcançarmos as nações plenamente desenvolvidas e que comandam em virtude dêsse mesmo desenvolvimento o atormentado mundo de hoje. Sou grato a Vossa Excelência por ter dado ênfase à nossa luta no Brasil para avançarmos e conquistarmos uma posição compatível com a nossa expansão territorial e com a importância natural do nosso país. Suas palavras, Senhor Presidente, se revestem de dupla autoridade: a primeira a que lhe confere o seu mandato, a segunda a que decorre da sua autoridade do homem do desenvolvimento português, a que Portugal entre outras obras deve a da resurreição do seu poderio marítimo. Necessitávamos em meu país de ocupar e possuir um imenso território que nos foi legado pelo gênio lusitano e isto tive a honra de realizar em meu govêrno. Brasília é o resultado dêsse espírito de integração nacional tão parecido na sua essência com o espírito dos descobri-

mentos que o nosso D. Henrique, príncipe do mar e Infante de Sagres, encarnou. Aludiu Vossa Excelência, e essa alusão me tocou profundamente, à Operação Pan-Americana, monumento de defesa e afirmação do inconformismo ibero-americano.

Falando aqui de Portugal — de onde nos veio o direito de nos julgarmos também incorporados ao mundo Ocidental, e europeus pela origem e pelas raízes espirituais — não podia eu deixar, após referir-me, em breves palavras, às relações luso-brasileiras, de aproveitar-me do ensejo para pronunciar-me sôbre temas gerais do nosso tempo. 843

A respeito das nossas duas pátrias não me é necessário expandir-me, nem repetir o que tanto já se tem dito. Quanto mais cresce a árvore do Brasil, mais se aprofundam, se misturam e se integram as nossas raízes comuns. 844

Não temos apenas relações diplomáticas ou cordiais, mas ligações de família. Somos um caso particular no mundo. Usamos o direito de não adotar iguais normas de conduta, mas isso não impediu, não impede, nem impedirá jamais que nas horas decisivas, nas horas de agonia ou de extrema importância, nos encontremos e ouçamos o comando imperativo da solidariedade que nos liga indissolúvelmente, da solidariedade que transcende os interesses materiais, que independe mesmo de nossa vontade, que é mais forte do que a nossa vontade — a solidariedade do sangue, a solidariedade do bêmço, das horas iniciais de formação. Esta é que é a situação dos nossos países com problemas diferentes e até mesmo opostos, alimentados por experiências que não se identificam, mas unidos além daquilo que constitui a fôrça das alianças políticas ou de outra qualquer norma. 845

Daqui desejo falar sôbre o que preocupa o meu país nesta hora. Permitirá Vossa Excelência que abuse 846

de sua hospitalidade e desta ocasião para reafirmar a integração de meu país ao que se convencionou chamar a causa do Ocidente, ou do mundo livre. Não temos divergências no que é essencial, relativamente ao patrimônio que reputamos indispensável defender. Mas não aceitamos participar de nenhuma causa com a atitude de obediência aos que nada vêem, aos que não querem inteirar-se das circunstâncias atuais, aos que voltam as costas à realidade. Sabemos que estamos ameaçados, que as nossas crenças, a nossa concepção de vida, tudo o que, enfim, constitui a nossa substância, sofre a mais violenta e destruidora investida. Sabemos que não haverá nenhuma resistência possível, se não procedermos a uma série de reformas e mudanças fundamentais em nós mesmos, se não nos prepararmos interiormente para que na luta que importa prosseguirmos, de maneira cada vez mais intensa, logremos sair triunfantes. A grande crise do Ocidente consiste na descrença, que dia a dia vai aumentando, da fé nos valores que nós próprios defendemos. Não há causa que subsista, sem que haja fé nos seus postulados, nas suas finalidades e nos seus fundamentos. Que pretendemos salvar da onda de materialismo e de negação que ameaça submergir as nossas nações e levar de roldão as almas dos nosso descendentes? A resposta é clara: o humano, a criatura, com as suas prerrogativas, a sua liberdade, os seus direitos, a sua dignidade. Assim sendo é nosso dever precípua sermos verdadeiramente humanos e estarmos identificados com aquilo que pregamos; do contrário, onde encontraremos forças para resistir aos que se obstinam em impor-nos o que pretendem, imbuídos de uma paixão inexorável? O que falta ao nosso mundo é aquela fé em Deus que deu alento aos que dilataram o império e plantaram a Cruz do Cristo em terras longínquas. A proteção a certos privilégios, a certos direitos adquiridos, ainda mantida no mundo de hoje não constitui motivo suficientemente bastante para alimentar tão duros combates. Impõe-se e urge

uma renovação nos espíritos e uma mudança de atitudes. Não é possível sustentar uma batalha de tamanhas proporções sem sabermos que realmente encarnamos aquilo que pregamos, as doutrinas que afirmamos, a fidelidade que proclamamos. A causa do Ocidente é a causa do mundo cristão, sem dúvida, mas é também a de todos os que se recusam a admitir a mutilação do homem e a renúncia de tôdas as conquistas e esforços da civilização em prol da dignidade e da liberdade da criatura de Deus na sua experiência terrestre. Para vencer os que negam tudo aquilo que importa persistir para vivermos a vida que desejamos — precisamos, antes de mais nada, saber a firmeza de nossas convicções e renunciar a muitos hábitos reprováveis e contradições perigosas. Não podemos prosseguir no pecado do egoísmo faltando à solidariedade até mesmo para com os nossos próximos.

Para resistir às idéias, à densidade numérica, à disposição, à paixão brutal dos que não nos querem sossegados e procuram apossar-se do mundo — impõe-se a união do Ocidente em termos generosos e compreensivos, o que constitui, ao mesmo tempo, medida de prudência. O mundo ocidental não é bastante forte nem bastante poderoso para fazer face à persistência da indiferença e das negações divisionistas nos seus próprios quadros. Teremos de atender ao fato de que já não há quem defenda o que não possui, que as massas humanas se estão politizando rapidamente, que a exigência de um mínimo de conforto para cada indivíduo — o que a própria moral cristã reclama — se torna cada vez mais rigorosa. A função do Ocidente, do ponto-de-vista prático, parece estar na criação de riqueza onde haja riqueza por criar, a fim de que venha a importar entre os homens a justiça social. Reclamando um vivo e efetivo entendimento entre os povos que desejam continuar independentes, dirijo — daqui, desta cidade de Lisboa, um apêlo aos países mais adian-

847

tados da Europa no sentido de que participem, dentro de um espírito dinamizador mais compreensivo, da luta em prol do desenvolvimento da América Latina. A sua população a aproximar-se de 200 milhões de habitantes, com a maior taxa de crescimento do mundo, descende quase tôdas de europeus, constitui seu aliado natural, independe da catequese do Ocidente. A luta pelo desenvolvimento das nações americanas de origem ibérica é um dos elementos fundamentais de defesa contra o materialismo e suas expressões políticas.

848 Não preciso dizer mais; creio que já ultrapassei o que comportava esta festa em que nossas pátrias, Senhor Presidente, mais uma vez se encontram. Julguei que, assim fazendo, melhor honraria a comovente acolhida com que me distingue a pátria portuguêsã, pátria também dos brasileiros.

849 Saudando Vossa Excelência, quero erguer minha taça em nome de minha mulher e no meu, em homenagem à Senhora Américo Tomás, expressão das damas portuguêsãs, cujas virtudes ninguém melhor conhece e é delas mais devedor do que o Brasil, e reafirmar a admiração pelas glórias de Portugal do passado, pelo progresso no presente e a confiança no poder lusitano de conquistar o futuro.